



Vozes que Contam: escrevivências em uma oficina de Educação Matemática

Ana Carolina Oliveira¹

Diego Matos²

Jéssica Lins³

Resumo do trabalho: Este trabalho apresenta o relato da oficina *Vozes que contam*, realizada presencialmente durante a 12ª edição do evento *Matemática na Urca* (MatUrca), na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com a participação de dez integrantes do curso de Licenciatura em Matemática. A atividade teve como objetivo promover reflexões sobre desigualdades sociais e raciais por meio da articulação entre literatura afro-brasileira e dados estatísticos, explorando possibilidades interdisciplinares no ensino de matemática, em uma perspectiva crítica e decolonial. A proposta tomou como referência a obra *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, e o conceito de escrevivência formulado por Conceição Evaristo, compreendendo a escrita e a oralidade como formas de expressão de experiências históricas e coletivas de resistência. Metodologicamente, a oficina foi organizada em quatro momentos: abertura sensível com compartilhamento de referências culturais, roda de leitura e escuta de trechos literários, análise de dados estatísticos relacionados à presença de mulheres negras na educação e produção de poemas-dados inspirados nas discussões realizadas. Durante a oficina, emergiram relatos sensíveis das pessoas participantes sobre experiências de desigualdade vividas em contextos periféricos, ampliando o debate sobre o papel da escola e do professor de matemática diante dessas realidades. A experiência evidenciou o potencial de práticas pedagógicas que integram literatura, estatísticas e expressão poética para a construção de uma educação matemática mais crítica, sensível e comprometida com a justiça social.

Palavras-chave: Matemática decolonial; Escrevivências; Mulheres negras; Literatura afro-brasileira; Educação antirracista.

Introdução

O presente trabalho propõe uma articulação entre Matemática, Literatura e História, tomando como eixo condutor a obra *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, para a construção de reflexões interdisciplinares e antirracistas no ensino. A escolha dessa obra se justifica não apenas por seu valor literário, reconhecida como uma das mais importantes narrativas afro-brasileiras contemporâneas, mas também por seu potencial de recontar a história do Brasil a partir de uma perspectiva negra e feminina, protagonizada por Kehinde,

¹ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, carolinaofds@edu.unirio.br.

² Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, diego.matos@uniriotec.br.

³ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, jessicalins.fernandes@unirio.br.



personagem inspirada na figura histórica de Luiza Mahin, mulher negra associada às articulações da Revolta dos Malês, ocorrida em Salvador no século XIX, e reconhecida como símbolo de resistência e da luta contra a escravidão no Brasil (João Reis, 2003).

Em um contexto educacional ainda marcado por abordagens eurocêntricas, sobretudo no ensino *de matemática*, torna-se necessário tensionar a invisibilização de saberes e experiências historicamente marginalizados. A matemática, frequentemente apresentada como um conhecimento neutro, universal e descontextualizado, pode ser compreendida também como uma prática cultural situada historicamente e atravessada por diferentes formas de produção de conhecimento.

Nesse sentido, aproximar matemática e literatura pode ampliar as possibilidades pedagógicas no ensino, favorecendo processos de interpretação, argumentação e construção de sentidos pelos estudantes (Juliana Cristofolini et al, 2024). Além disso, a literatura pode contribuir para a problematização de questões sociais, históricas e culturais, possibilitando abordagens interdisciplinares que dialoguem com diferentes experiências de vida (Dalcin; Montoito, 2020).

No campo das discussões sobre educação e relações étnico-raciais, torna-se fundamental reconhecer o papel da escola na construção de práticas educativas comprometidas com a valorização da diversidade cultural e com o enfrentamento das desigualdades estruturais. Nesse sentido, integrar literatura afro-brasileira e discussões estatísticas sobre desigualdade pode constituir um caminho potente para promover reflexões críticas no ensino de matemática (Amanda Cidreira; Ana Carolina Faustino, 2020).

A proposta apresentada neste trabalho também dialoga com a noção de *escrevivência*, conceito desenvolvido por Conceição Evaristo para designar uma escrita que nasce da experiência vivida e da memória coletiva de mulheres negras (Conceição Evaristo, 2007). Ao trazer essa perspectiva para o campo educativo,



abre-se espaço para práticas pedagógicas que valorizem narrativas pessoais, histórias silenciadas e diferentes formas de expressão do conhecimento.

Nesse contexto, apresenta-se o relato da oficina “Vozes que contam”, realizada presencialmente durante a 12ª edição do evento *Matemática na Urca* (MatUrca), na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em novembro de 2025, com a participação de dez integrantes do curso de Licenciatura em Matemática. A oficina buscou articular literatura, estatísticas e produção poética como forma de reflexão crítica sobre desigualdades sociais e raciais, explorando possibilidades de integração entre matemática, literatura e educação antirracista.

Educação matemática e relações étnico-raciais

As discussões sobre educação e relações étnico-raciais têm evidenciado a importância de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural e enfrentem as desigualdades historicamente produzidas pela sociedade brasileira. No contexto escolar, isso implica reconhecer a necessidade de ampliar as narrativas presentes nos currículos e nas práticas educativas, sobretudo a partir da promulgação da Lei 10.639 (Brasil, 2003), que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996), e torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas instituições de ensino.

O movimento de reparação histórica impulsionado pela Lei 10.639, com intencionalidade de denunciar o apagamento - e afirmar a presença - de saberes africanos e afro-diaspóricos no currículo escolar, nos leva a refletir sobre a necessidade de incorporar tais temáticas, também, na formação de professores. Assumindo uma opção decolonial que visa a mudanças de perspectiva sobre a formação docente, Victor Giraldo e Filipe Fernandes (2020) denunciam como a matemática é parte de estruturas coloniais de referência eurocêntrica, demarcando a urgência de construirmos uma agenda política de resistência aos efeitos desse projeto de poder na formação de professores que ensinam matemática. A opção decolonial, nesse contexto, busca questionar essa aparente neutralidade da



matemática e reconhecer a pluralidade de saberes presentes em diferentes culturas e experiências sociais.

Ao incorporar narrativas afro-brasileiras, dados sobre desigualdades raciais e espaços de escuta das experiências dos participantes, a oficina procurou tensionar essas estruturas e abrir possibilidades para pensar a matemática para além de sua dimensão técnica, aproximando-a de debates sociais, históricos e culturais presentes na formação docente. Trabalhar essas narrativas em articulação com outras áreas do conhecimento pode contribuir para a construção de uma educação mais inclusiva e crítica (Cidreira; Faustino, 2020).

Além disso, dados estatísticos sobre desigualdades educacionais também podem servir como instrumentos de reflexão no ensino, permitindo que estudantes analisem criticamente fenômenos sociais e compreendam a dimensão histórica das desigualdades. Estudos sobre o ingresso de mulheres no ensino superior, por exemplo, evidenciam que o acesso à universidade foi historicamente marcado por profundas desigualdades de gênero e classe (Alexandra Ribeiro; Alboni Vieira, 2023).

A incorporação dessas discussões na formação de professores de matemática tem sido apontada como um passo fundamental para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a justiça social. Matos, Giraldo e Quintaneiro (2023) destacam que a formação docente precisa reconhecer que o ensino de matemática não ocorre em um espaço neutro, mas está atravessado por relações históricas, sociais e culturais que influenciam tanto os conteúdos ensinados quanto as formas de ensinar.

Nesse sentido, abordar relações raciais na formação inicial de professores implica criar espaços de reflexão sobre como as desigualdades estruturais atravessam a escola e sobre como a matemática pode ser mobilizada como ferramenta de leitura crítica da realidade. Ao promover discussões que articulem dados estatísticos, narrativas literárias e experiências vividas, torna-se possível



ampliar as possibilidades de atuação pedagógica e fomentar práticas educativas mais sensíveis às realidades dos estudantes.

Metodologia

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência, modalidade de pesquisa que busca descrever, analisar e refletir sobre práticas pedagógicas desenvolvidas em contextos educativos específicos.

A experiência relatada refere-se à oficina “Vozes que contam”, realizada presencialmente durante a 12ª edição do MatUrca, em novembro de 2025, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. A atividade contou com a participação de dez integrantes, professoras e professores em formação inicial, com interesse em discutir possibilidades interdisciplinares no ensino de matemática.

A oficina teve como eixo temático as escriturências, o empoderamento negro feminino e o uso de dados estatísticos como elemento de reflexão crítica e produção poética.

Com duração aproximada de uma hora e meia, a dinâmica da prática formativa foi estruturada em quatro momentos principais: abertura sensível, roda de leitura e escuta, discussão e produção de poemas-dados:

1º momento – Abertura sensível: inicialmente foi realizada uma abertura sensível, com o compartilhamento de diferentes materiais culturais: entre eles um breve resumo da obra *Um defeito de cor*; o samba-enredo da Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela de 2024, que no Carnaval desse ano desfilou com enredo de mesmo nome do livro; além de apresentação de livros diversos de autoras negras (figura 1). Esses elementos buscaram introduzir o tema da oficina e mobilizar as pessoas participantes para uma escuta atenta das narrativas apresentadas.



Figura 1. Obras literárias utilizadas como referência na oficina Vozes que contam



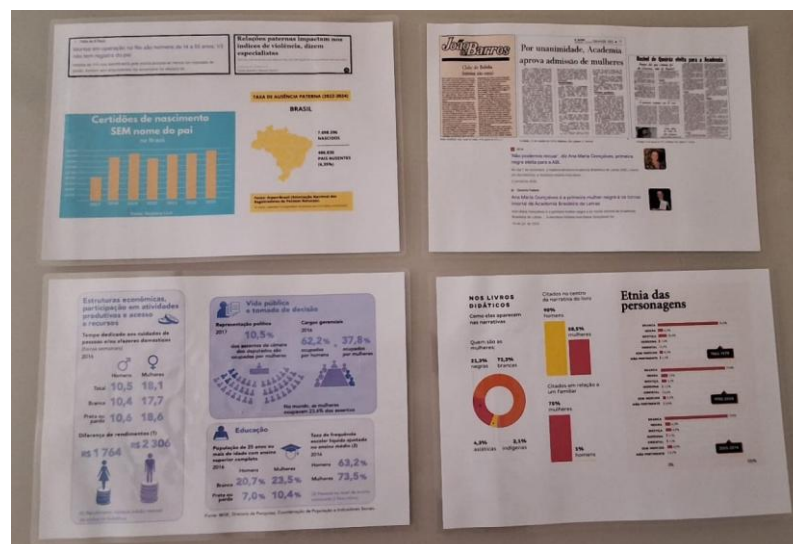
Fonte - Acervo dos Autores (2025)

Descrição: Fotografia de plano superior exibindo quatro livros de literatura brasileira dispostos sobre uma mesa em uma grade 2x2. As obras presentes são: *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves; *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*, de Conceição Evaristo; *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz; e *Acalanto em Lá Menor*, de Flávia Joss.

2º momento – Roda de leitura e escuta: em seguida, foi realizada uma roda de leitura e escuta, com o grupo sendo dividido em duplas ou trios, que receberam trechos da obra de Ana Maria Gonçalves, escritórias de Conceição Evaristo, além de reportagens, gráficos e dados estatísticos relacionados ao acesso de mulheres negras na educação, às desigualdades salariais, à sua presença na literatura e sobre a operação policial *Contenção*, realizada no Rio de Janeiro em outubro de 2025 (figura 2).



Figura 2. Dados estatísticos e reportagens utilizados na oficina Vozes que contam



Fonte - Elaborado pelas pessoas autoras a partir de dados de reportagens e levantamentos públicos

Descrição: Uma fotografia vista de cima mostrando quatro folhas de papel dispostas sobre uma superfície clara, contendo infográficos, gráficos de barras, gráficos de pizza e recortes de notícias sobre desigualdade de gênero e demografia no Brasil.

3º momento – Discussões: posteriormente, as pessoas participantes foram convidadas a compartilhar percepções, experiências e relações possíveis com suas próprias vivências. Os dados serviram como ponto de partida para discutir como números e estatísticas podem revelar desigualdades estruturais presentes na sociedade brasileira.

4º momento – Poemas-dados: a partir dessas discussões, a proposta da oficina era que as pessoas participantes fossem convidadas a produzir poemas-dados, isto é, textos poéticos inspirados tanto nas estatísticas apresentadas quanto em experiências pessoais. A proposta buscava explorar formas criativas de expressão, transformando números e porcentagens em narrativas poéticas de denúncia e resistência.



Reflexões sobre a experiência

Durante a realização da oficina, um dos aspectos mais significativos foi a intensidade das trocas entre as pessoas participantes. As discussões se mostraram densas e atravessadas por experiências pessoais marcadas por desigualdades sociais.

Durante o momento em que discutíamos dados sobre violência em favelas do Rio de Janeiro, apresentados a partir de reportagens e levantamentos recentes, a atividade foi atravessada por um relato particularmente marcante. A discussão acontecia poucos dias após a operação policial conhecida como *Contenção*, considerada uma das mais letais da cidade, contexto que aparecia nos materiais analisados e que trazia à tona imagens recorrentes de mães solo lamentando a morte de seus filhos.

Nesse momento, uma das participantes, estudante da Licenciatura em Matemática e moradora de uma comunidade, compartilhou uma experiência pessoal que mobilizou o grupo. Ela relatou que um amigo de infância havia conseguido sair daquele contexto por meio dos estudos, ingressando na universidade. No entanto, naquele mesmo dia, quando saía de sua comunidade para ir à faculdade, deparou-se com o irmão desse mesmo amigo atuando no tráfico de drogas.

Ao narrar essa situação, a participante refletiu que, mesmo quando uma pessoa consegue atravessar os caminhos da violência estrutural e acessar outros espaços sociais, isso não significa que essa violência deixe de fazer parte de sua vida ou da vida de seus familiares. Enquanto falava, sua emoção tornava visível o peso dessa constatação. Para mim, como ministrante da oficina, aquele momento evidenciou, de forma intensa, como os dados estatísticos apresentados carregam histórias concretas e atravessam afetivamente quem os lê, revelando que a matemática, quando situada em contextos sociais reais, também pode se tornar espaço de escuta, reconhecimento e elaboração de experiências vividas.



Durante a leitura de um trecho de *Um defeito de cor*, que aborda a Revolta dos Malês e o apagamento histórico de suas memórias, o grupo teve contato com a seguinte passagem:

“Levantaram-se os escravos, dominaram e ocuparam a cidade. Logo derrotados pelo número de soldados e pela força das armas, a ordem dos senhores furiosos foi matar todos os membros da nação malê, sem deixar nenhum. Homens, mulheres e crianças, para exemplo. Ordens executadas com requintes terríveis, para que o exemplo perdurasse. Assim aconteceu. (...) Da revolta e de seu chefe pouco se sabe. No mais, o silêncio. (...) Tema para estudos históricos que venham repor a verdade, redimir a nação condenada, ressuscitar o alufá, retirá-lo da cova funda do esquecimento na qual o enterrou a reação escravagista. Tema para um grande romance...” (GONÇALVES, 2006, p. 14-15).

Foi a partir dessa leitura que uma das participantes compartilhou uma experiência pessoal relacionada às tradições religiosas de sua família. A partir dessa passagem, ela compartilhou como o texto despertou nela um sentimento de identificação, visto que sua família mantém um terreiro. Ela contou que, durante parte da infância, viveu certa distância desse universo, mas que, recentemente, com a reaproximação de sua mãe da família de origem, tem buscado retomar esse vínculo e compreender melhor as práticas e memórias que fazem parte de sua história familiar. Sua fala surgiu de forma espontânea na roda e trouxe para a discussão a dimensão viva das tradições que o texto evocava. Naquele momento, o trecho literário parecia deixar de ser apenas uma narrativa sobre o passado e se tornava também um ponto de encontro entre histórias coletivas e trajetórias pessoais, fazendo emergir reflexões sobre pertencimento, memória e continuidade cultural.

Em outro momento da roda de conversa, um dos participantes relacionou as discussões da oficina com sua própria experiência na docência. Atuando como monitor de matemática, ele comentou que o contato com os dados apresentados e com as narrativas literárias havia provocado nele uma reflexão sobre a realidade de seus estudantes. Segundo relatou, muitas vezes as dificuldades apresentadas em sala de aula são interpretadas apenas como falta de interesse ou de dedicação, sem que se considere o contexto social em que esses alunos vivem. A partir das



discussões realizadas na oficina, ele afirmou perceber a necessidade de desenvolver uma postura mais reflexiva e sensível diante dessas situações, reconhecendo que o ensino de matemática também pode contribuir para a leitura crítica da realidade. Esse comentário evidenciou como a proposta da atividade ultrapassava a discussão conceitual e alcançava diretamente a formação docente, convidando futuras e futuros professores a repensarem suas práticas pedagógicas à luz das desigualdades que atravessam o cotidiano escolar.

Apesar de encontrarmos algumas dificuldades com o tempo planejado para a realização da oficina, as discussões coletivas revelaram o potencial da proposta para promover reflexões interdisciplinares e estimular formas criativas de expressão no ensino de matemática. Na Figura 3, temos um registro do coletivo participante da oficina, composto, além daicineira, por um professor formador e nove estudantes de Licenciatura em Matemática.

Figura 3. Oficina Vozes que Contam



Fonte - Acervo dos Autores (2025)



Descrição: Grupo de onze pessoas, homens e mulheres adultos, posando sorridentes em uma sala de aula. Alguns integrantes seguram livros como *Um Defeito de Cor*, *Água de barreira*, *Poemas da recordação* e *Acanto em lá menor*. Uma integrante está com uma sacola de pano ecológica do evento acadêmico.

Considerações finais

A experiência da oficina “Vozes que contam” evidencia o potencial da articulação entre literatura, dados estatísticos e produção poética para promover reflexões críticas no ensino de matemática.

Ao mobilizar narrativas da literatura afro-brasileira e dados sobre desigualdades sociais, a atividade buscou ampliar as possibilidades de abordagem da matemática, reconhecendo-a como um conhecimento que pode dialogar com diferentes contextos culturais e sociais.

Mesmo diante das limitações de tempo, a experiência demonstrou que práticas pedagógicas que valorizam a escuta, a expressão e as narrativas pessoais podem contribuir para a construção de uma educação matemática mais crítica, sensível e comprometida com a justiça social.

Referências

BRASIL. Presidência da República - Casa Civil. Lei Federal 9.394, de 20 de dezembro de 1996. LDB, n. 9.394/1996, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

BRASIL. Presidência da República - Casa Civil. *Lei Federal 10.639/2003*. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

CIDREIRA, Amanda Correia; FAUSTINO, Ana Carolina. *Vamos além do “era uma vez”: literatura infantil, matemática e questões étnico-raciais nos anos iniciais*. Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana, 2021.

CRISTOFOLINI, Juliana; SIPLE, Ivanete Zuchi; ROSTIROLA, Sandra Cristina Martini. *Explorando as conexões entre literatura e matemática: uma análise bibliométrica*. Bolema, 2024.

CRUZ, Eliana Alves. *Água de barreira*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2016.



DALCIN, Andréia; MONTOITO, Rafael. *Literatura e matemática em inter-relações possíveis*. Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, 2020.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. 1. ed. Pallas: 2016.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

GIRALDO, Victor; FERNANDES, Filipe Santos. Caravelas à Vista: Giros Decoloniais e Caminhos de Resistência na Formação de Professoras e Professores que Ensinam Matemática. *Perspectivas da Educação Matemática*, [S. l.], v. 12, n. 30, p. 467–501, 2020.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

JOSS, Flávia. *Acalanto em lá menor*. Mondru, 2023.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RIBEIRO, Alexandra Ferreira Martins; VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. *O ingresso de mulheres nas universidades no Brasil (1940–1980)*. 2023.

ZWIERNIK, Laura; DALCIN, Andréia. *Lugares matemáticos em contos de Malba Tahan*. RIDEM, 2020.